



Resumão

Sociologia

Sociologia no Brasil: Década de 30

Resumo

Principal tópico da Sociologia de 30: formação nacional

O que significa ser brasileiro? Será isto apenas um fato jurídico, condição daqueles que nasceram em determinado território, sob a autoridade de certo Estado? Ou haverá talvez algo mais profundo que nos define e nos constitui como povo? Qual é o cerne da identidade nacional? Qual é a nossa essência como pátria, aquilo que nos singulariza e nos diferencia de todos os outros povos do mundo?

De maneira geral, as questões acima foram aquelas que mobilizaram o surgimento da sociologia no Brasil, na década de 30 do século passado. De fato, impressionados com os sucessos da recém-criada ciência sociológica, fundada na Europa cerca de cem anos antes pelo francês Augusto Comte, muitos intelectuais brasileiros convenceram-se da necessidade de se criar um pensamento sociológico autenticamente nacional, cujo principal objetivo seria precisamente revelar a verdadeira identidade pátria.

Panorama do pensamento social na virada do séc. XIX

No final do século XIX e início do XX, eram vários os pensadores que empreendiam compreender as particularidades da formação do Brasil. Tentando definir em que medida o passado brasileiro colonial e escravista interferiu no Brasil de sua época, esses pensadores buscaram relacionar as características do nosso povo e sociedade de seu passado e presente para definir uma identidade social brasileira.

O regime de produção agrícola e extrativista predominante no passado brasileiro se centrou na esfera familiar. Várias transformações foram observadas com a implementação do trabalho livre e a urbanização do país, o que fez surgir outras contradições que inquietaram os pensadores da época. A maioria deles, entretanto, buscava definir o Brasil a partir de outras sociedades. O principal deles foi Oliveira Vianna, que destacou as diferenças do povo brasileiro e as demais nações. Motivado pela tese de que o Brasil foi formado por brancos, Vianna via nas demais populações brasileiras um impedimento para o desenvolvimento. Também identificou a distribuição de poder anárquica frente a incapacidade do Estado brasileiro de exercer o pleno domínio, possibilitando o surgimento de núcleos de poder relativamente autônomos. Oliveira Vianna acreditava que o futuro da nação estava no embranquecimento da população e no estabelecimento de um Estado forte que encerrasse o exercício do poder localizado.

Sociologia brasileira: Década de 30

Naturalmente, os membros da chamada geração de 30 não consideravam a essência do ser brasileiro como uma realidade abstrata, absoluta e permanente, estabelecida por Deus ou pela natureza. Ao contrário, sendo autênticos sociólogos, acreditavam eles que o modo de ser brasileiro foi histórico-socialmente construído e que, portanto, só o conhecimento e a compreensão adequada da história do Brasil podem nos permitir entender por que somos tal como somos. Em suma, só a formação social do Brasil poderia explicar nossa identidade. Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda deram forma científica à Sociologia brasileira. Amparados, respectivamente, nas obras de Franz Boas, Karl Marx e Max Weber, tornaram-se decisivos para os rumos da Sociologia no país. Essa busca pelas raízes históricas do nosso país como um meio de se esclarecer seu passado e seu futuro é o que une os chamados pensadores da geração de 30, fundadores da sociologia nacional. Há, porém, também entre eles notáveis diferenças, que iremos explorar a partir de agora.

Gilberto Freyre

Maior e mais importante sociólogo da geração de 30, Gilberto Freyre deixou não apenas um legado teórico importantíssimo, como também uma influência muito grande no imaginário social brasileiro. Com efeito, como veremos a seguir, todo nós somos um tanto intuitivamente freyreanos. Mas vamos com calma e analisemos com calma o pensamento do autor de Casa Grande e Senzala.

Segundo Freyre, a característica central da formação social do Brasil, verdadeira raiz de sua identidade, é a miscigenação, isto é, a mistura de diferentes grupos étnicos e sociais. Mais: o grande fato definidor do modo de ser brasileiro foi o modo como essa miscigenação aconteceu. De fato, iniciada com a colonização portuguesa sobre os indígenas, aprofundada com a vinda dos escravos africanos e depois com os sucessivos processos de imigração, a miscigenação brasileira não teve, de acordo com Freyre, o caráter essencialmente conflitivo e violento que teve em outros países.

Diferente, por exemplo, da África do Sul e seu apartheid, dos Estados Unidos e seu conhecido histórico de segregação explícita, presente em boa parte do país até os anos de 60 do século passado, no Brasil, segundo Freyre, a miscigenação jamais envolveu um confronto racial explícito ou radical. Pelo contrário. Sem negar que obviamente houve inúmeras opressões, explorações e injustiças na história do Brasil para com grupos como negros e indígenas, Freyre acreditava que a essência da pátria brasileira é a sua capacidade integradora, o seu poder de conciliar as diferenças, de unir os diferentes. Não à toa, os traços distintivos do brasileiro típico são a criatividade, a inventividade, o jeitinho.

Coube a Gilberto Freyre fazer a ponte entre as interpretações embasadas em fatores naturais, como o meio e a raça, e a contribuição sociológica desenvolvida a partir dos anos 1940. Em Casa-grande & senzala, Freyre, ao defender a miscigenação como traço primordial na formação do Brasil, afirma que esse é o traço cultural central da sociedade brasileira. Ou seja, além de não ver a mestiçagem de forma negativa, Freyre enfatiza a necessidade de substituir o conceito de “raça”, largamente difundido no Brasil, pelo conceito de cultura. Segundo o autor, a família patriarcal foi a base sobre a qual a mestiçagem se desenvolveu no Brasil. Esse modelo, presente sobretudo no latifúndio monocultor do Nordeste brasileiro, foi o que possibilitou a miscigenação em vez da segregação. A família patriarca, centrada na figura poderosa e inquestionável do pai, foi a forma social ideal para que a “raça” branca, colonizadora, se relacionasse com as demais “raças”.

Essa relação dependeu de diversos fatores, dentre eles a arquitetura das comunidades que giravam em torno da propriedade desse líder familiar e a dependência do Estado desses indivíduos para se manter funcionando. O processo de acomodação, como define Freyre, gerou uma relação entre os indivíduos de diferentes culturas onde cada um contribuiu com o seu melhor, reconhecendo seu papel e seu lugar na estrutura social. Para Freyre o branco colonizador era uma “raça” superior, comparável apenas ao grupo social resultante da mestiçagem.

O ponto principal do sociólogo na defesa da democracia racial é o enfoque cultural em vez de racial. Assim a mestiçagem pode ser vista por uma chave ‘positiva’, já que os prejuízos raciais são desacreditados. A Mestiçagem passa a ser vantajosa, sendo mais que a simples soma de três “raças”. Os nativos da América e África são desmistificados como “selvagens” e a formação da cultura brasileira é vista como um fenômeno único e privilegiado.

Sérgio Buarque de Holanda

Pai do famoso cantor Chico Buarque, Sérgio Buarque de Holanda é uma figura central na história do pensamento brasileiro. Historiador e sociólogo exemplar, ele é o autor de Raízes do Brasil, obra na qual procurou explicar nossa identidade nacional.

Buarque de Holanda busca, através da teoria weberiana, demonstrar como as estruturas de poder do período colonial e imperial permaneciam em funcionamento na sociedade brasileira. Concordando com a importância da mestiçagem para a formação da identidade nacional, o pensador faz uma interpretação menos otimista

do passado rural brasileiro. Para ele esse passado estava ligado a um modo de vida pré-moderno e o estabelecimento de um país com um povo verdadeiramente livre e de bases democráticas necessitava aderir ao modo de vida moderno. E qual é esse modo? A racionalidade que Weber aponta como típica das sociedades capitalistas.

A permanência das estruturas oligarcas e patriarcais no Brasil permitia o surgimento do patrimonialismo, um fenômeno que expressa a incapacidade dos indivíduos de separar as esferas pública e privada. O forte conservadorismo que se manifestou no país freou o desenvolvimento de uma nação moderna tal qual as europeias. Curioso observar que, apesar de usar a metodologia de Weber, Buarque de Holanda realiza uma boa sociologia comparada, típica do pensamento durkheimiano, ao estabelecer um paralelo entre a modernização europeia e a brasileira.

O tipo ideal que expressa essa dinâmica contraditória entre modernização e conservadorismo é o homem cordial. Cordialidade aqui, porém, não significa exatamente simpatia ou hospitalidade. Trata-se antes do significado original na língua latina, onde cordial é aquele que se guia pelo coração (cor). Dito de modo direto, a tese de Buarque é de que o comportamento tipicamente nacional é aquele que coloca o sentimento acima da razão, o desejo pessoal acima da norma comum, a intimidade acima das regras impessoais. Esse conceito está no centro da análise do autor e permite compreender as resistências à modernização completa. O novo tipo de sociabilidade, pautado na racionalidade e na burocracia, não é compatível com o controle social movido pela troca de favores e pelos apadrinhamentos. O homem cordial age contra a modernização, mesmo que muitas vezes inconscientemente, para buscar um saldo positivo nesse imbricado esquema de favores.

A ausência de limites entre as esferas pública e privada impregnou a formação do aparato estatal brasileiro, estabelecendo um ethos do favorecimento e distorção do aparelho público e da burocracia estatal. Essa postura pode ser vista ainda hoje na má aplicação e administração dos recursos públicos, no nepotismo e na corrupção. A cordialidade ainda aproxima a cultura à líderes autoritários, já que esses tendem a confundir Estado e vida privada.

Assim, a cordialidade sintetizaria uma forma de conduta social, nem sempre consciente, que procura frear a modernização da sociedade brasileira e conservar as relações sociais de favorecimento pessoal. A evolução da sociedade brasileira, para esse autor, deve superar essas características e se pautar na busca de uma sociedade civilizada, uma sociedade urbana e cosmopolita que deixe para trás o mundo rural

A Sociologia de Sérgio Buarque examina, com base na sociedade brasileira, a ligação estreita entre o que é público e o que é privado e seus limites. A ausência de delimitações entre essas duas esferas da vida social pode ser observada ainda hoje, e a prática do favorecimento se disseminou em paralelo com a modernização da sociedade brasileira, sobretudo no que se refere à burocracia estatal. Vemos casos de desvio de verbas e má administração de dinheiro público, nepotismo e corrupção, ao longo de todo o século XX e começo do século XXI. Nesse sentido, a obra de Sérgio Buarque de Holanda é uma leitura fundamental para entender o processo histórico-social brasileiro.

Caio Prado Júnior

Intelectual marxista, vinculado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), Caio Prado Júnior seguiu verdadeiramente as lições de Marx aos conflitos de classe. Segundo ele, o que explica a identidade brasileira é estrutura econômica historicamente construída no país pelos portugueses. Prado Jr. afirma que a formação do Brasil estaria atrelada ao contexto de expansão do mercado europeu. Para esse autor, a colonização do Brasil e suas consequências históricas devem ser pensadas a partir da ideia de que o Brasil se integrou a uma dinâmica maior, diretamente relacionada à expansão marítima e comercial europeia.

Historicamente o Brasil se consolidou como um grande empreendimento português fundamentado na produção e extração de produtos tropicais direcionados para o mercado externo, e não no povoamento do território. Primeiro o açúcar, depois ouro e mais adiante o café. De maneira geral o Brasil se organizou como

uma megacorporação multinacional. Com sede na Europa, essa empresa buscou mão-de-obra barata e posicionou sua produção próximo aos recursos necessários. Essa dinâmica moldou a formação do país.

Caio Prado Jr. foi o autor que melhor demonstrou a importância de analisar os períodos colonial e imperial (mesmo que suas conclusões hoje sejam questionadas). O pensador consegue fazer um balanço de todo o processo de colonização e ainda apresentar uma chave de leitura indispensável para a formação nacional. É a partir dessas relações entre passado e presente que Prado Jr. observa a formação do país ainda como incompleta.

Isso nos leva a um segundo ponto importante do pensamento do sociólogo que vai fomentar as discussões das décadas seguintes. O Brasil ainda está com sua formação por completar devido à sua posição subalterna e dependente em relação às outras economias no cenário mundial. Continuamos numa dinâmica de cerceamento das liberdades e de produção extrativista destinada a atender as necessidades do mercado exterior. Essa será um dos fermentos da teoria do capitalismo dependente.

Depois do fim da geração de 30, muitos intelectuais marxistas deram continuidade ao legado de Caio Prado Júnior e à sua ênfase nas questões econômicas. O mais famoso desses foi Florestan Fernandes, um radical crítico de Gilberto Freyre. De fato, segundo Florestan, Freyre criou um mito - o mito da democracia racial -, o qual busca mascarar, por mais que o negue, todo o histórico de explorações e opressões da história brasileira. Buscando legitimar sua visão de Freyre, Florestan realizou extensos estudos sobre a população negra brasileira, mostrando como ela, longe de viver integrada à sociedade, esteve sempre numa posição subalternada e de exclusão. Isso, inclusive, mesmo depois da escravidão, uma vez que, apesar de libertar os escravos, o Estado brasileiro nada fez para compensar todos os prejuízos e todas as desvantagens adquiridas pelos negros ao longo de séculos de sujeição, demonstrando como as dinâmicas arcaicas da sociedade brasileira permaneceram em funcionamento.

Exercícios

1. “Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens”.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que

- a) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- b) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- c) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- d) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro
- e) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais

2. “A sociedade colonial brasileira herdou concepções clássicas e medievais de organização e hierarquia, mas acrescentou-lhe sistemas de graduação que se originaram da diferenciação das ocupações, raça, cor e condição social. (...) As distinções essenciais entre fidalgos e plebeus tenderam a nivelar-se, pois o mar de indígenas que cercava os colonizadores portugueses tornava todo europeu, de fato, um gentil-homem em potencial. A disponibilidade de índios como escravos ou trabalhadores possibilitava aos imigrantes concretizar seus sonhos de nobreza. (...) Com índios, podia desfrutar de uma vida verdadeiramente nobre. O gentio transformou-se em um substituto do campesinato, um novo estado, que permitiu uma reorganização de categorias tradicionais. Contudo, o fato de serem aborígenes e, mais tarde, os africanos, diferentes étnica, religiosa e fenotipicamente dos europeus, criou oportunidades para novas distinções e hierarquias baseadas na cultura e na cor.”

(Stuart B. Schwartz, SEGREDOS INTERNOS).

A partir do texto, pode-se concluir que:

- a) a diferenciação clássica e medieval entre clero, nobreza e campesinato, existente na Europa, foi transferida para o Brasil por intermédio de Portugal e constituiu-se no elemento fundamental da sociedade brasileira colonial.
- b) a presença de índios e negros na sociedade brasileira levou ao surgimento de instituições como a escravidão, completamente desconhecida da sociedade europeia nos séculos XV e XVI.
- c) os índios do Brasil, por serem em pequena quantidade e terem sido facilmente dominados, não tiveram nenhum tipo de influência sobre a constituição da sociedade colonial.
- d) a diferenciação de raças, culturas e condição social entre brancos e índios, brancos e negros, tendeu a diluir a distinção clássica e medieval entre fidalgos e plebeus europeus na sociedade colonial.
- e) a existência de uma realidade diferente no Brasil, como a escravidão em larga escala de negros, não alterou em nenhum aspecto as concepções medievais dos portugueses durante os séculos XVI e XVII.

3. As festas e as procissões religiosas contavam entre os grandes divertimentos da população, o que se harmoniza perfeitamente com o extremo apreço pelo aspecto externo do culto e da religião que, entre nós, sempre se manifestou (...). O que está sendo festejado é antes o êxito da empresa aurífera, do que o Santíssimo Sacramento. A festa tem uma enorme virtude conagraçadora, orientando a sociedade para o evento e fazendo esquecer da sua faina cotidiana. (...). A festa seria como o rito, um momento especial construído pela sociedade, situação surgida "sob a égide e o controle do sistema social" e por ele programada. A mensagem social de riqueza e opulência para todos ganharia, com a festa, enorme clareza e força. Mas a mensagem viria como cifrada: o barroco se utiliza da ilusão e do paradoxo, e assim o luxo era ostentação pura, o fausto era falso, a riqueza começava a ser pobreza, o apogeu decadência"

(Adaptado de SOUZA, Laura de Mello e. Desclassificados do Ouro.
Rio de Janeiro, Graal, 1990, pp. 20-23)

Segundo a autora do texto, a sociedade nascida da atividade mineradora, no Brasil do século XVIII, teria sido marcada por um "fausto falso" porque:

- a) a mineração, por ter atraído um enorme contingente populacional para a região das Gerais, provocou uma crise constante de subalimentação, que dizimava somente os escravos, a mão de obra central desta atividade, o que era compensado pela realização constante de festas;
 - b) o conjunto das atividades de extração aurífera e de diamantes era volátil, dando àquela sociedade uma aparência opulenta, porém tão fugaz quanto a exploração das jazidas que rapidamente se esgotavam;
 - c) existia um profundo contraste entre os que monopolizavam a grande exploração de ouro e diamantes e a grande maioria da população livre, que vivia em estado de penúria total, enfrentando, inclusive, a fome, devido à alta concentração populacional na região;
 - d) a riqueza era a tônica dessa sociedade, sendo distribuída por todos os que nela trabalhavam, livres e escravos, o que tinha como contrapartida a promoção de luxuosas cerimônias religiosas, ainda que fosse falso o poderio da Igreja nesta região;
 - e) a luxuosa arquitetura barroca era uma forma de convencer a todos aqueles que buscavam viver da exploração das jazidas que o enriquecimento era fácil e a ascensão social aberta a todas as camadas daquela sociedade.
4. Para Gilberto Freire, a família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é, desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela, o rei de Portugal quase reina sem governar. Os senados de Câmara, expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino às colônias os seus tentáculos absorventes.
- (Gilberto Freire. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994, p. 19).
- Assinale a afirmativa CORRETA.
- a) Para Freire, o Estado Brasileiro foi o grande impulsionador do desenvolvimento brasileiro.
 - b) Para Freire, o rei de Portugal mantinha o total controle sobre o processo de colonização no Brasil.
 - c) Para Freire, a família não pode ser considerada o agente colonizador do Brasil.
 - d) Para Freire, a família foi predominante no desenvolvimento da sociedade brasileira, sua existência relacionou-se, desde o início, ao domínio das grandes propriedades, tanto na zona rural como posteriormente no meio urbano.
 - e) Para Freire, a família manteve-se longe da aristocracia colonial brasileira.

5. Em sociedade de origens tão nitidamente personalistas como a nossa, é compreensível que os simples vínculos de pessoa a pessoa, independentes e até exclusivos de qualquer tendência para a cooperação autêntica entre os indivíduos, tenham sido quase sempre os mais decisivos. As agregações e relações pessoais, embora por vezes precárias, e, de outro lado, as lutas entre facções, entre famílias, entre regionalismos, faziam dela um todo incoerente e amorfo. O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras.

(HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.)

Um traço formador da vida pública brasileira expressa-se, segundo a análise do historiador, na

- a) rigidez das normas jurídicas.
 - b) prevalência dos interesses privados.
 - c) solidez da organização institucional.
 - d) legitimidade das ações burocráticas.
 - e) estabilidade das estruturas políticas.
6. A imagem da relação patrão-empregado geralmente veiculada pelas classes dominantes brasileiras na República Velha era de que esta relação se assemelhava em muitos aspectos à relação entre pais e filhos. O patrão era uma espécie de “juiz doméstico” que procurava guiar e aconselhar o trabalhador, que, em troca, devia realizar suas tarefas com dedicação e respeitar o seu patrão.

(CHALHOUB, S. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores da Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Unicamp, 2001.)

No contexto da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a construção da imagem descrita no texto tinha por objetivo

- a) esvaziar o conflito de uma relação baseada na desigualdade entre os indivíduos que dela participavam.
 - b) driblar a lentidão da nascente Justiça do Trabalho, que não conseguia conter os conflitos cotidianos.
 - c) separar os âmbitos público e privado na organização do trabalho para aumentar a eficiência dos funcionários.
 - d) burlar a aplicação das leis trabalhistas conquistadas pelos operários nos primeiros governos civis do período republicano.
 - e) compensar os prejuízos econômicos sofridos pelas elites em função da ausência de indenização pela libertação dos escravos.
7. “A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter do brasileiro [...]”

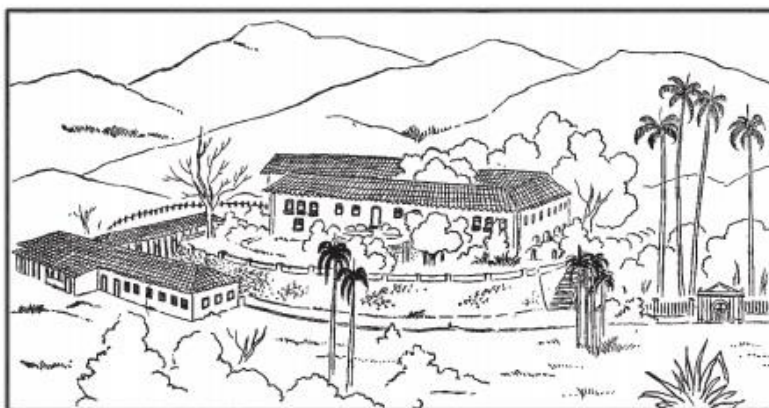
(HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo, 2011. p. 146.)

O fragmento acima representa um conceito e uma ideia desenvolvida na obra de Sérgio Buarque de Holanda, ao definir uma característica do povo brasileiro.

A esse respeito, marque a alternativa correta.

- a) Trata-se de uma característica que faz uma reflexão sobre a violência no país.
- b) Trata-se daquilo que é conhecida atualmente como capacidade empreendedora do povo brasileiro.
- c) Representa características do coronelismo praticado no Brasil ao longo do Século XX.
- d) Reflete o padrão civilizatório do povo brasileiro.
- e) Descreve elementos ligados à capacidade cooperativa do povo brasileiro.

8.



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Gramma com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma

- a) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.
- b) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.
- c) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.
- d) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.
- e) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país

9. A formação do Brasil e a identidade do brasileiro foram bastante discutidas no início do século XX pelos sociólogos brasileiros Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

A respeito das análises de Freyre, em seu livro "Casa Grande e Senzala", é correto afirmar:

- a) Criou uma tipologia para estudar a formação do Brasil e do brasileiro, dando ênfase explicativa ao tipo aventureiro do português em detrimento do tipo sementeiro.
- b) Fez um estudo da colonização portuguesa, descrevendo a formação da família patriarcal brasileira, dando especial importância à miscigenação como traço cultural.
- c) Observou que a cordialidade do povo brasileiro lhe dificultava o reconhecimento da moderna impessoalidade nas relações sociais.
- d) Utilizou o materialismo dialético como chave explicativa dos fatos sociais que condicionavam o destino do país.
- e) Tratou da decadência do patriarcado rural e do crescimento das elites urbanas no Brasil.

10. Considere o gráfico a seguir:



O fenômeno representado no gráfico é fruto das seguintes características da sociedade brasileira:

- a) racismo e desigualdade econômica.
- b) nacionalismo e desigualdade étnica.
- c) autoritarismo e desigualdade política.
- d) capitalismo e desigualdade educacional.
- e) patriarcalismo e desigualdade de gênero.

Gabarito

1. A

Alternativa correta é a A. Ela ressalta justamente o quanto nossa colonização não se deu de maneira violenta, mas sim com pouca força do Estado. A letra B está incorreta, pois como o texto mostra, os portugueses trouxeram antes sua fé do que o comércio. A letra C é a contradição frontal de tudo o que Freyre pensava. A letra D erradamente acentua o papel do Estado, como se a colonização fosse violenta. Por fim, é evidente que, ao contrário do que diz a E, os engenhos tinham papel social importante na colonização.

2. D

A questão da formação do Brasil e do brasileiro (ou povo brasileiro) tem como um dos pontos fundamentais a miscigenação das três principais raças ou culturas que compuseram nossa diversidade cultural. Essa questão sobrepôs-se à caracterização que se dava ao Brasil nos séculos iniciais de sua formação, sobretudo a partir da distinção medieval.

3. C

A questão das diferenças e desigualdades sociais figura entre os principais problemas abordados pelos intelectuais que trataram de pensar a formação do Brasil. A situação social da Província de Minas Gerais, estudada por Laura de Mello e Souza – autora do texto citado na questão –, está entre os grandes temas referentes ao problema da desigualdade ao longo da História do Brasil.

4. D

A única alternativa correta é aquela representada pela letra (d), pois Gilberto Freyre considera que a família tem um caráter fundamental para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

5. B

Sérgio Buarque de Holanda disserta sobre a característica brasileira de dar maior importância aos vínculos pessoais. Assim, os assuntos privados possuem maior importância que os assuntos públicos.

6. B

Essa política de conciliação superficial fomentou a luta de classes no Brasil, que sem garantia ao trabalhador e com as primeiras organizações operárias sendo fundadas em São Paulo e Rio de Janeiro essas desigualdades estouraram em grandes movimentos populares como a Greve Geral de 1917 e a Revolta da Vacina ainda em 1904 que mostraram que as incongruências sociais não podiam ser remediadas com pequenas conciliações.

7. D

Para Buarque de Holanda o padrão civilizatório brasileiro é o da troca de favores, dos apadrinhamentos, da ausência de limites entre o público e o privado. Essa característica levaria ao brasileiro, movido por uma noção de superioridade do estrangeiro, a adotar uma etiqueta do agrado, na esperança de alcançar benesses e favores nesse complexo jogo social de vantagens e desvantagens.

8. C

A organização espacial das propriedades refletia, legitimava e propagava a ordem patriarcal e racial formada na colônia e perpetuada para depois dela, assim vemos que a casa grande ocupa o centro do espaço em relação às demais construções que ocupam os espaços mais periféricos.

9. B

Para Gilberto Freyre o ponto central da formação do país foi a família que era liderada pela figura paterna. Essa dinâmica, dentre outros fatores, permitiu a ocorrência da miscigenação, fator preponderante da formação da nação brasileira.

10. E

O fenômeno da desigualdade de salários entre homens e mulheres no Brasil é fruto do patriarcalismo e da desigualdade de gêneros presentes na sociedade brasileira.

Sociologia no Brasil: década de 40

Resumo

Sociologia brasileira: Década de 40

O pensamento sociológico brasileiro da década de 40, enquanto forma de pensar a realidade social do nosso país e de desenvolver uma consciência crítica sobre ela, ganhou uma importância muito grande a partir de diversos temas relevantes como, por exemplo, as desigualdades sociais, os regionalismos, as políticas indigenistas, tradições, preconceito, mobilidade social e assim por diante. Falaremos brevemente sobre as principais contribuições de três grandes sociólogos desta época, são eles: Octavio Ianni (1906 – 2004), Florestan Fernandes (1920 – 1995) e Darcy Ribeiro (1922 – 1997).

Octavio Ianni

Octavio Ianni formou-se em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo em 1954, passando a integrar a cadeira de Sociologia I como professor assistente. A vaga de titular era ocupada pelo colega Florestan Fernandes. Seu pensamento esteve voltado, fundamentalmente, para a questão das diferenças e das injustiças sociais, assim como dos meios através dos quais poderíamos superá-las. Ianni fez parte da escola de sociologia paulista, abordando o assunto do preconceito racial no Brasil de maneira original. Ianni é considerado um dos principais sociólogos do Brasil, ao lado de Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes. As principais obras de Ianni foram "Cor e Mobilidade Social em Florianópolis" (1960, em colaboração), "Homem e Sociedade" (1961), "Metamorfoses do Escravo" (1962); "Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil" (1963), "Política e Revolução Social no Brasil" (1965), "Estado e Capitalismo no Brasil" (1965), "O Colapso do Populismo no Brasil" (1968).

Um dos principais pensadores da análise da inserção do Brasil no capitalismo global, Ianni colaborou consideravelmente com a teoria do capitalismo dependente, observando as dinâmicas da globalização e do imperialismo e de como a organização do sistema capitalista obrigava da burguesia nacional a se adaptar à um "lugar difícil" de opressor sobre seu povo e de oprimido frente à burguesia central. Tendo de lidar com a dependência crônica dos Estados recém-formados, as elites locais latino-americanas se valiam de ideias nacionalistas para manter de pé a coesão social, o que abria caminho para governos populistas, criticados por Ianni por mascarar os conflitos de classe internos da sociedade.

Florestan Fernandes

Florestan era filho de uma imigrante portuguesa que o criou trabalhando como empregada doméstica. Nascido em São Paulo em 1920, começou a trabalhar com 6 anos de idade, primeiro como engraxate, depois em vários outros ofícios. Precisou abandonar o curso primário por questões de ordem material.

Na Sociologia, seus trabalhos abordaram a escravidão e a questão racial, subdesenvolvimento, classes sociais, questão indígena e metodologia sociológica. Dessa forma, o pensador se tornou uma das referências centrais da Sociologia brasileira contemporânea.

Na sua análise sobre a escravidão, o sociólogo interpretou o fenômeno a partir dos ciclos econômicos do período colonial. Semelhante a proposta de Prado Jr., Florestan compreendia o funcionamento da economia brasileira como voltada para a exportação de bens e produtos tropicais a partir da imposição da metrópole portuguesa. Nesse período surgiram estruturas de dominação que sobreviveram ao processo de modernização capitalista no Brasil, já que a dinâmica colônia-metrópole permaneceu se ampliando para todo

mercado capitalista europeu. Para Florestan, por isso, a escravidão marca nossa sociedade até os dias de hoje.

Entretanto, para afirmar isso, o pensador teve que confrontar a tese da democracia racial. Florestan afirma que essa tese ajudou a difundir a ideia de que no Brasil não há racismo, supondo uma convivência pacífica entre os grupos sociais, levando a crer que as condições e oportunidades econômicas, sociais e políticas dos dois grupos eram iguais. Essa crença ajudou a estabelecer o racismo no Brasil, já que o problema nunca foi encarado de frente. O negro no Brasil vivia em condições precárias por sua falta de ímpeto e estava satisfeito com sua situação social.

Além de responsabilizar o negro por sua posição subalterna na sociedade brasileira, o mito da democracia racial desresponsabiliza o branco (principalmente os brancos da classe dominante) da desastrosa abolição da escravidão e consequente inserção do negro na sociedade do trabalho livre. Florestan afirmava, numa rime irônica com os títulos de seus livros, que o Brasil fracassou como sociedade moderna (no “A integração do negro na sociedade de classes” o autor afirma que essa integração é na verdade uma exclusão e no “A revolução burguesa no Brasil” fica evidente a incompletude da modernização do Estado brasileiro).

Darcy Ribeiro

Darcy Ribeiro foi um importante sociólogo, escritor, político e educador brasileiro, fundador de duas Universidades, a UNB e a UENF, feito único na história da cultura brasileira. O sociólogo brasileiro começou o trabalho de etnólogo em 1947 no antigo serviço de proteção ao índio em 1947 e criou o museu do índio em 1953. Além disso, ele foi o autor da Lei de Diretrizes Básicas da Educação aprovada pelo governo Fernando Henrique Cardoso em 1996. Seus estudos antropológicos se concentram, fundamentalmente, na questão dos índios. Ao contrário de Gilberto Freyre (1900 – 1987), que considerava que “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a senzala”, Ribeiro não compreendia essa miscigenação como sinônimo de democracia racial. Do seu ponto de vista, só se poderia viver uma democracia racial na medida em que houvesse democracia social. Essa compreensão de Darcy Ribeiro aparece claramente em seu importante livro “O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil”, editado em 1995. Na obra, o autor considera a miscigenação como principal fator que caracteriza a diversidade no Brasil. Esse processo teria se iniciado assim que os primeiros portugueses chegaram ao país, tendo se desenvolvido a gestação étnica brasileira em todo o período colonial (1530 – 1815).

Para compreender o pensamento de Ribeiro é importante atentar para sua filiação teórica e um dos conceitos mais mobilizados em seu pensamento. Ribeiro era um neoevolucionista. Isso significa dizer que ele adepto de uma escola que retomada a influência evolucionista de Darwin para a formação social. Apesar disso, é importante ressaltar também que essa retomada toma cuidado, em alguma medida, com o etnocentrismo e a eugenia. Abandona-se o determinismo natural. Não há uma comparação hierarquizadora entre sociedades e comunidades, mas observações sobre suas trajetórias históricas. Nessa escola se considera que a formação das sociedades segue por saltos ou rupturas nos sistemas produtivos e que esses saltos provocam grandes transformações, ou evoluções, sociais. O processo civilizatório decorre em vários desses saltos, sendo os mais importantes a revolução agrícola, a revolução urbana, a revolução da irrigação, a revolução metalúrgica, a revolução pecuária, a revolução mercantil, a revolução industrial, a revolução termonuclear. Para analisar esse processo sem cair num evolucionismo social, Ribeiro se vale do conceito de identidade cultural, que se forma a partir da instrumentalização de signos para mobilização de símbolos que corresponderão a identidade de um grupo. Dedicou-se profundamente a pensar a questão da identidade latino-americana.

Exercícios

1. O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, em sua obra *O Povo Brasileiro*, afirma: “Nós, brasileiros, somos um povo sem ser impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela, fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ninguentude. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros.”

(RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro*. 1995, p.453.)

Partindo da análise do texto transcrito acima, assinale a alternativa INCORRETA.

- a) A identidade nacional brasileira nasceu do encontro e mestiçagem entre diversos grupos étnicos.
 - b) A miscigenação do povo brasileiro se deu fisicamente e principalmente no seu modo de ser e agir.
 - c) A mestiçagem no Brasil foi um erro histórico e um obstáculo para a construção de uma identidade nacional.
 - d) As identidades não são coisas com as quais nascemos, são formadas e transformadas no interior das representações coletivas.
 - e) O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado, é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.
2. “Na segunda metade do século XX, a tendência à superação das ideias racistas permitiu que diferentes povos e culturas fossem percebidos a partir de suas especificidades. Grupos de negros pressionaram pela adoção de medidas legais que garantissem a eles igualdade de condições e combatessem a segregação racial. Chegamos então ao ponto em que nos encontramos, tendo que tirar o atraso de décadas de descaso por assuntos referentes à África”.

(Marina de Mello e Souza. *A descoberta da África*. RHBN, ano 4, n. 38, novembro de 2008, p.72-75.)

A partir deste texto e do conhecimento da sociologia a respeito da questão racial em nosso país, é possível afirmar que

- a) autores como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Darcy Ribeiro, entre outros tantos autores, são importantes por chamarem a atenção do país para o papel dos negros na construção do Brasil e da brasilidade, e as formas de exclusão explícitas e implícitas que sofreram.
- b) apesar de relevante a luta contra o preconceito racial, o estudo da África só diria respeito ao conhecimento do passado, do período do Descobrimento do Brasil até a abolição da escravidão entre nós.
- c) estudar a África só nos indicaria a captura e a escravidão de diferentes povos africanos, tendo em vista que raça e o racismo são categorias ideológicas as quais servem para encobrir as fortes tensões sociais existentes entre a imensa classe de pobres e o seu oposto a dos ricos.
- d) a autora quer dizer que devemos hoje operar cada vez mais com categorias tais como a especificidade da raça negra, da raça branca, da raça amarela e outras mais.
- e) nenhuma das alternativas está correta.

3. A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e frequentemente procurou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança. Esporte, sobretudo o futebol, música, sobretudo o samba, e dança, sobretudo o carnaval, foram os principais canais de ascensão social dos negros até recentemente. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogâncias de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos.

(CARVALHO, J. M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (adaptado).)

Em relação ao argumento de que no Brasil existe uma democracia racial, o autor demonstra que:

- a) essa ideologia equipara a nação a outros países modernos.
- b) O esse modelo de democracia foi possibilitado pela miscigenação.
- c) O essa peculiaridade nacional garantiu mobilidade social aos negros.
- d) O esse mito camuflou formas de exclusão em relação aos afrodescendentes.
- e) O essa dinâmica política depende da participação ativa de todas as etnias.

4. Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e camponeses e com negros africanos, uns e outros aliados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo. Novo porque surge como uma etnia nacional, que se vê a si mesma e é vista como uma gente nova, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras. Velho, porém, porque se viabiliza como um proletariado externo, como um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população. Sua unidade étnica básica não significa, porém, nenhuma uniformidade, mesmo porque atuaram sobre ela forças diversificadoras: a ecológica, a econômica e a migração. Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros: os sertanejos, os caboclos, os crioulos, os caipiras e os gaúchos. Todos eles muito mais marcados pelo que têm em comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população.

(Darcy Ribeiro. O povo brasileiro, 1995. Adaptado.)

De acordo com o excerto, a gênese do povo brasileiro está associada

- a) ao propósito de ocupação de novos territórios pelos portugueses e à implantação de um empreendimento de povoamento, voltado à construção de um mercado interno amplo e diversificado.
- b) à conquista de novos territórios pelos povos africanos, ameríndios e europeus e à implantação de um modelo de desenvolvimento econômico autônomo, voltado a atender às demandas do mercado externo.
- c) ao ímpeto pela descoberta de novos territórios pelos povos ameríndios e africanos e à implantação de um modelo de desenvolvimento social e econômico de inspiração europeia, dirigido ao progresso técnico e econômico nacional.
- d) ao projeto de colonização de novos territórios e de seus respectivos povos pelos portugueses e à implantação de um empreendimento mercantil, voltado a atender às demandas do mercado externo.
- e) ao propósito de conquista de novos territórios pelos europeus e à implantação de um modelo de desenvolvimento econômico autônomo, voltado a atender às demandas do mercado local.

5. De acordo com Darcy Ribeiro: “[...] o primeiro processo civilizatório humano fundado na Revolução Industrial vai impondo tamanhas alterações nos modos de ser das sociedades humanas que acaba por integrá-las todas num só sistema interativo e por configurar uma nova formação sócio cultural, também bipartida em dois complexos tecnologicamente defasados e economicamente contrapostos, mas complementares: o superior, constituído pela aceleração evolutiva de algumas nações capitalistas-mercantis à condição de centros de dominação imperialista industrial; o inferior, constituído através de movimentos de atualização histórica que provocam tanto a redistribuição de áreas coloniais entre as novas potências como o surgimento de uma nova forma de dependência: o Neocolonialismo”.

(RIBEIRO, D. O processo civilizatório. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 152-153.)

São exemplos de países pertencentes ao primeiro grupo citado pelo autor:

- a) Alemanha e Japão.
 - b) Inglaterra e França.
 - c) Brasil e África do Sul.
 - d) Estados Unidos e Rússia.
 - e) Portugal e Espanha.
6. “A fúria do tirano, o terrorismo de Estado, a guerra, o massacre, o escravismo, o racismo, o fundamentalismo, o tribalismo, o nazismo, sempre envolvem alegações racionais, humanitárias, ideais, ao mesmo tempo que se exercem em formas e técnicas brutais, irracionais, enlouquecidas. Em geral, a fúria da violência tem algo a ver com a destruição do ‘outro’, ‘diferente’, ‘estranho’, com o que busca a purificação da sociedade, o exorcismo de dilemas difíceis, a sublimação do absurdo embutido nas formas da sociabilidade e nos jogos das forças sociais.”

(Octávio Ianni, “A violência na sociedade contemporânea”, em Estudos de Sociologia.

Araraquara, v. 7, n. 12, p. 8, 2002.)

Assinale a alternativa correta.

- a) Os atos de violência sempre implicam alegações irracionais e práticas racionais que transformam os jogos das forças sociais e as tramas de sociabilidade que envolvem as coletividades.
- b) A violência nasce como técnica de poder, exercita-se como modo de preservar, ampliar ou conquistar a propriedade, adquirindo desdobramentos psicológicos desprezíveis para agentes e vítimas.
- c) Os atos de violência não têm excepcional significação, porque mantêm as mesmas formas e técnicas, razões e convicções conforme as configurações e os movimentos da sociedade.
- d) A violência entra como elemento importante da cultura política com a qual se ordenam ou se transformam as relações entre os donos do poder e os setores sociais tornados subalternos.

7. Sobre o sentido da ditadura militar brasileira, Octavio Ianni faz a seguinte análise:

“O que está em questão, no período da ditadura militar, é a ostensiva entrada de militares no processo político e no aparelho estatal, de modo a realizar uma eficaz recuperação do Estado burguês em crise. Trata-se de instaurar, por via militar, as condições de ‘ordem e progresso’, ou ‘segurança e desenvolvimento’, que as burguesias não estavam em condições de criar por meio dos partidos. Diante do ascenso político do povo, de operários e camponeses, funcionários e empresários, estudantes e intelectuais, as burguesias nacional e estrangeira apelaram a determinados setores militares, policiais, da Igreja, latifundiários e outros, para quebrar a mesma ordem constitucional burguesa que as lutas de classe estavam fazendo avançar. Diante do ascenso político do povo, no sentido de fazer avançar a democracia, a grande burguesia prefere destruir inclusive as poucas conquistas democrático-burguesas alcançadas em 1946-64: voto secreto, partidos, *habeas corpus*, liberdade de imprensa, liberdade de reunião e discussão.”

(IANNI, Octavio. Populismo e militarismo. In: Pensamento social no Brasil. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.289.)

Segundo o texto acima, o golpe militar de 1964, no Brasil, resultou de

- a) parceria entre militares e burguesia, sendo, portanto, civil e militar.
 - b) fortalecimento da política constitucional brasileira, alcançada em 1946-64.
 - c) manutenção da segurança e o desenvolvimento econômico do operariado.
 - d) comprometimento das elites econômicas com o avanço da democracia radical.
 - e) desejo da cúpula militar na ascensão política do povo excluído.
8. O local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado. Mesclam-se e tensionam-se singularidades, particularidades e universalidades. Conforme Anthony Giddens, “A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é, assim, uma parte da globalização”.

(Octávio Ianni, Estudos Avançados. USP. São Paulo, 1994. Adaptado.)

Neste texto, escrito no final do século XX, o autor refere-se a um processo que persiste no século atual. A partir desse texto, pode-se inferir que esse processo leva à

- a) padronização da vida cotidiana.
- b) melhor distribuição de renda do planeta.
- c) intensificação do convívio e das relações afetivas presenciais.
- d) maior troca de saberes entre gerações.
- e) retração do ambientalismo como reação à sociedade de consumo.

9. A ideia da existência de uma democracia racial no Brasil foi desconstruída pelos estudos de Florestan Fernandes, sobretudo, em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes*. Nesta obra de 1965, o autor argumenta que a democracia racial na sociedade brasileira é um mito na medida em que a abolição da escravidão libertou os negros “oficialmente”, mas não os incluiu na sociedade como cidadãos, mantendo, assim, a discriminação e a submissão da população negra aos brancos, permanecendo, portanto, as desigualdades sociais entre negros e brancos.

A democracia racial no Brasil, de fato, ainda se constitui como um mito, identificado na fala cotidiana brasileira com expressões de preconceito racial, a exemplo de

- a) “Vamos acabar com essa negrinagem”; “serviço de preto”; “Respeito à diversidade”.
- b) “Cabelo de palha de aço”; “Todas as pessoas nascem iguais.”; “Lápis cor de pele”.
- c) “Nasceu com um pé na cozinha”; “Inveja branca”; “A primeira igualdade é a justiça”.
- d) “Da cor do pecado”; “Ser diferente é legal”; “Não sou tuas negas”.
- e) “A coisa tá preta”; “Cabelo ruim”; “Negro de alma branca”.

10. A desagregação do regime escravocrata e senhorial operou-se, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o estado, a igreja ou outra qualquer instituição assumissem encargos especiais para prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. [...] Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões de ideais de homem criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo.

(FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.)

O abandono e o descuido para com esse grupo étnico, descrito por Florestan Fernandes, podem ser apontados nos dias atuais como responsáveis

- a) pelo baixo índice de escolaridade, preconceito e exclusão social do negro no Brasil.
- b) pelo aumento do sentimento de pertencimento nacional dos grupos afrodescendentes.
- c) pela separação entre brancos e negros nos espaços públicos e no mercado de trabalho brasileiro.
- d) por um dinamismo cultural que integrou a população brasileira em torno de valores oriundos da África.
- e) pela integração do negro na sociedade brasileira, independentemente de ações afirmativas e políticas públicas.

Gabarito

1. C

O texto demonstra exatamente a importância da mestiçagem para a construção da identidade nacional. É o inverso disso que a alternativa [C] apresenta, sendo, por isso, a única incorreta.

2. A

Somente a alternativa [A] está correta. O estudo da África passou a fazer sentido quando o racismo e as ideias de raça deixaram de fazer parte da linguagem científica, sendo considerados como mera construção ideológica. Para tanto, os sociólogos elencados na alternativa foram de grande importância, pois deram novo significado à forma como a população negra é compreendida na sociedade brasileira.

3. D

O mito da democracia racial foi criado pelo sociólogo Gilberto Freyre dizia que não haveria racismo no Brasil dado a miscigenação racial desde os primeiros anos dos europeus aqui, esse pensamento foi adotado em grande escala tanto por parte do poder público quanto pela população camuflando diversas desigualdades sociais entre brancos e negros.

4. D

A gênese do povo brasileiro está associada ao processo de colonização em que as relações de trabalho (e a produção) estavam voltadas aos interesses dos europeus, como se percebe no trecho “Velho, porém, porque se viabiliza como um proletariado externo, como um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população”.

5. B

Darcy Ribeiro, ao tratar do Neocolonialismo, enfatiza tanto a questão de desenvolvimento tecnológico quanto a de dependência econômica. Neste período, nações industrializadas da Europa Ocidental exerceram seu poderio econômico sobre os territórios da Ásia e da África, constituindo-se em grandes potências coloniais. Dentre as alternativas, somente Inglaterra e França correspondiam a este tipo de nações industrializadas do período.

6. D

A alternativa [D] é a mais correta. A violência é sempre relacional e serve como forma de organizar relações políticas entre o dominador e o dominado.

7. A

Segundo o argumento do autor, a ditadura militar recolocou bases para a constituição de uma economia burguesa no Brasil. Sendo assim, não se tratava de um simples movimento político militar, mas também civil no sentido de camadas da população que se beneficiaram e participaram do projeto político militar.

8. A

O processo de globalização, segundo o autor, fragiliza as culturas locais, pois aquelas que se disseminam pelos meios de comunicação – músicas, internet, televisão – acabam tomando seu lugar na sociedade, havendo por consequência uma padronização da vida cotidiana, principalmente nos grandes centros urbanos em todo mundo.

9. E

A alternativa expressa termos carregados de preconceito e estigmatização. Elas trazem toda a carga negativa que atribuímos a cor preta e que correlacionamos com pessoas com a pele de cor preta. Outras expressões bastante preconceituosas são "inveja branca" ou "denegrir". Por mais que a etiqueta do racismo brasileiro oculte sua dinâmica, através dessas expressões podemos identificá-las e combatê-las.

10. A

Na alternativa são apontadas consequências da falsa integração do negro na sociedade de classes brasileira. A modernização da nossa sociedade não encerrou as relações de poder da estrutura colonial, mantendo subalternizados os indivíduos não-brancos, principalmente os descendentes de africanos.